



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento da proposta de Implementação dos Objetivos do Milênio nas Comunidades de Madureira, Oswaldo Cruz e Bairros Adjacentes**

**Rio de Janeiro-RJ, 05 de novembro de 2004**

Meus queridos e queridas companheiras da Portela,  
Meu querido companheiro Nilo Mendes, presidente do Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela,  
Minha querida companheira Marisa,  
Meu querido companheiro embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil e sua esposa, Ana Maria Amorim,  
Meu querido companheiro Patrus Ananias, ministro de Estado do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,  
Minha querida companheira Nilcéa Freire, secretária especial de Políticas para as Mulheres,  
Minha companheira Matilde Ribeiro, secretária especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,  
Meus queridos deputados que estão presentes,  
Minha querida companheira Benedita da Silva, e meu querido companheiro Pitanga – o meu chapéu, hoje, é mais bonito que o seu,  
Minha querida Valéria,  
Marisa Monte,  
Meu querido Zeca Pagodinho,  
Meus amigos e minhas amigas,

Quando eu fui ao Riocentro participar de um evento sobre agências de viagens, onde estavam realizando um seminário, eu marquei um encontro com



o Nilo e com o Zeca Pagodinho.

E foi com extraordinária alegria que recebi deles a notícia de que a Portela, no ano que vem, iria entrar para o desfile com um samba-enredo que trata de um assunto extremamente delicado, mas um assunto que, se quisermos resolver no curto e no médio prazo, vai precisar de muita solidariedade, vai precisar que muitos de nós não fiquemos esperando que o outro faça aquilo que nós podemos fazer: combater a miséria, a fome e a mortalidade infantil.

Porque as oito Metas do Milênio são coisas que, em algum momento da nossa vida, nós falamos a respeito. A primeira delas, é importante que todos saibam, é acabar com a fome e com a miséria, num Planeta extremamente rico em conhecimento, em tecnologia, num Planeta que produz, per capita, alimento para saciar a fome de todo o mundo e onde, mesmo assim, quase 1 bilhão de seres humanos ainda passam fome.

A segunda meta é a questão da educação básica e de qualidade para todos. No Brasil tivemos momentos de equívocos na política educacional. Houve um tempo em que se priorizava a quantidade de alunos que entrava na escola, mas não se priorizava a qualidade do ensino que essas crianças recebiam.

Daí porque nós detectamos, no primeiro ano de governo, que mais de 50% das crianças que terminavam a 4ª série não sabiam fazer uma das quatro operações e não conseguiam ler um texto e interpretá-lo. A educação brasileira foi se deteriorando, ora porque os professores brasileiros eram mal remunerados, ora porque eram maltratados, ora porque a preocupação fundamental não era saber se a criança que estava numa sala de aula tinha aprendido alguma coisa.

Se contássemos para uma pessoa estrangeira qualquer que 50% das crianças que saem da escola não tinham aprendido alguma coisa que lhes ensinaram, alguém poderia dizer que essas crianças não tinham condições de



aprender.

Entretanto, o Brasil é um país que tem um potencial tão grande que toda vez que as crianças estão com saúde, que conseguem comer as calorias e as proteínas necessárias e têm, por trás de si, um educador que está motivado em saber se eles aprenderam o que ele ensinou, essas crianças se desenvolvem e competem com qualquer criança do mundo. Basta que a gente veja o que acontece nas Olimpíadas da Matemática, em que nós temos, no Brasil, meninos de 13 anos de idade fazendo pós-graduação em matemática, tal é a capacidade de aprendizado que têm essas crianças.

Quando nós criamos o programa Bolsa Família, uma das condições que nós estabelecemos foi que, para que a pessoa possa receber o dinheiro – pretendemos chegar, aqui no estado do Rio de Janeiro, no final deste ano, a 280 mil famílias – a mãe tenha a obrigatoriedade de colocar o filho na escola, pelo menos as crianças com até 14 anos de idade. E, ao mesmo tempo, estabelecemos a obrigatoriedade de a mãe dar todas as vacinas que o filho necessita. E uma mulher grávida que receba o programa tem a obrigação de fazer todos os exames pré-natais que precisam ser feitos, para que ela possa ter o seu filho de forma saudável.

Obviamente que temos falhas, porque é humanamente impossível o governo federal fiscalizar uma por uma as pessoas e, também, porque em algumas regiões do Brasil – vocês viram na televisão – os prefeitos ao invés de chamarem as pessoas pobres para dar o Bolsa Família... graças a Deus, poucas pessoas se utilizaram do Programa para fazer comícios e cadastrar pessoas que sequer tinham direito a receber esse Plano. O que é importante é que a maioria do povo brasileiro, a grande maioria, a absoluta maioria, é de pessoas honestas e decentes.

Depois que a Rede Globo fez uma matéria eu recebi duas cartas, que entreguei ao ministro Patrus, de pessoas que não tinham o direito de receber e estavam recebendo e que entenderam que tinham sido cadastradas de forma



equivocada, ou por honestidade, ou por medo de serem pegas por uma fiscalização. A verdade é que as pessoas refizeram o seu comportamento. E eu penso que muitos outros que entraram no Programa de forma equivocada haverão de sair, para que as pessoas mais necessitadas possam receber o dinheiro.

Uma terceira coisa que todos vocês, pelo menos as mulheres, também já falaram: igualdade entre sexos e valorização da mulher. A Nilcéa, a Benedita, a Matilde, a Ana Amorim, a Marisa e, acredito, a maioria das mulheres que estão aqui presentes, em algum momento saíram à rua gritando por igualdade para as mulheres. Essa igualdade que está na Constituição brasileira, que está na Constituição de todos os países do mundo, mas que é uma igualdade que ainda não se completou porque, ainda hoje, por mais valor que a mulher tenha, no mercado de trabalho ela ainda ganha, às vezes, a metade do que ganha um homem, cumprindo a mesma função que ele.

E eu fico me lembrando que, quando era dirigente sindical e estava no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, naquele tempo a gente brigava porque quando as mulheres ficavam grávidas as empresas tentavam dispensá-las antes que elas comunicassem a gravidez ou, muitas vezes, quando se casavam. Eles tentavam evitar que a mulher trabalhasse porque não queriam mulher grávida dentro da empresa, como se filho fosse um empecilho.

Eu me lembro que em algumas indústrias as empresas davam uma ficha para a mulher ir ao banheiro – e todo mundo sabe que quando a mulher está grávida ela vai mais vezes ao banheiro – muitas vezes, elas faziam suas necessidades à beira da máquina, por não poder ir ao banheiro, para não serem punidas pela chefia.

Muita gente pensa que isso mudou. Apesar da Constituição de 1988, ainda hoje no Brasil, na América Latina e em muitos países do mundo, a mulher ainda é tratada como se fosse uma cidadã de segunda classe e não de primeira classe. Muitas vezes, apesar da lei, nós, os homens, não agimos



como companheiros; muitas vezes, nós tratamos nossas próprias mulheres como se elas fossem obrigadas a fazer coisas que muitos de nós deveríamos e poderíamos fazer, para ajudar no trabalho de casa de uma companheira.

A quarta Meta do Milênio: reduzir a mortalidade infantil. Vocês sabem que no Brasil e em vários países da América Latina, da Ásia e da África as crianças ainda morrem de subnutrição. Uma das grandes causas da mortalidade infantil no mundo ainda é a diarreia. No Brasil, entre 1995 e 2002, mais de 300 mil crianças morreram por doença adquirida pela inexistência de saneamento básico nas cidades brasileiras. E é por isso que nós precisamos trabalhar para cumprir as Metas do Milênio que foram assumidas por todos os países do mundo em 2002, em Roma. E se a gente não fizer um esforço muito grande, certamente correremos o risco de chegar em 2015 sem termos alcançado o cumprimento das coisas que nós mesmos prometemos.

Uma outra coisa muito importante nas Metas do Milênio é melhorar a saúde da gestante. Essa é uma tarefa em que o Brasil já evoluiu bastante, mas precisamos trabalhar porque outros países ainda não evoluíram e o Brasil, hoje, tem conhecimento para ajudar outros países a seguirem a mesma política do Brasil, fazendo com que as mulheres gestantes tenham um tratamento adequado e não morram por causa de parto.

Outra meta é combater a aids, a malária e outras doenças. Eu estive no Acre assumindo um compromisso, junto com o Ministro da Saúde, para que a gente possa, até o ano de 2005 ou 2006, se não me falha a memória, acabar com a hanseníase no Brasil, que é uma doença em que se demonstra, claramente, que é resultado da miséria da região em que as pessoas vivem e o Acre ainda é um estado que tem muita gente com essa doença. Quando a gente fala em hanseníase, nem todo mundo sabe o que é, mas se a gente fala em lepra, todo mundo sabe o que é. É uma doença que desde o tempo da idade média assusta, praticamente, a humanidade; é uma doença que tem cura, que não é contagiosa e que é fácil cuidar, basta que a gente assuma a



responsabilidade.

A aids é um outro mal sobre o qual o Brasil, ao longo desses últimos 10 anos adquiriu conhecimento, adquiriu maturidade e hoje, posso dizer para vocês, o Brasil é um país que exporta conhecimento e competência no tratamento da aids, inclusive com convênios com a maioria dos países africanos de língua portuguesa, para que adotem a política que nós adotamos no nosso país, que começou em 1988 na cidade de Santos, quando a nossa companheira Telma de Souza era prefeita daquela cidade e o saudoso David Capristano era o nosso Secretário de Saúde.

A sétima meta é a qualidade de vida e o respeito ao meio ambiente. Essa é uma questão cultural. Essa é uma questão que precisamos começar a repartir na nossa casa, com as nossas crianças, ou na escola, quando as crianças estão numa idade em que podem aprender muito e até ensinar aos próprios pais. Cuidar do meio ambiente não é apenas uma questão de responsabilidade do governo, é uma questão de consciência política da sociedade, que começa por sabermos reciclar o lixo na nossa casa, por sabermos que ao jogar lixo em córregos ou em rios, esse lixo se volta contra nós e vai poluir a água, causar danos aos peixes e prejudicar a própria espécie humana; começa quando a gente, de forma totalmente irresponsável, permite o desmatamento num país gigante como o Brasil, à vezes de forma incontrolável, porque muitas vezes as queimadas acontecem e só se vai saber que aconteceram tempos depois. Graças a Deus a companheira Marina, ministra do Meio Ambiente, hoje está aparelhada para que a gente possa fiscalizar com muito mais rapidez a questão do controle ambiental no nosso país.

Quando venho ao Rio de Janeiro e vejo a Lagoa poluída do jeito que está, quando sobrevôo de avião a Baixada e vejo essa quantidade de rios que vão desembocar no mar totalmente poluídos, isso não é uma coisa de hoje, não é uma coisa de 5, 6 anos, é uma coisa de que ouço falar há 20 anos. Em 1980 começou uma campanha para despoluir o rio Tietê em São Paulo e,



passados 25 anos, o rio Tietê está tão ou mais poluído do que já estive em qualquer outro momento da nossa história.

E quando a gente vai para a Suécia, passa no centro de Estocolmo de carro e vê as pessoas pescando no rio, no centro da cidade, a gente fica pensando: será que um dia, meu Deus do céu, o Brasil vai ter tanta responsabilidade, tanta consciência que a gente possa chegar a esse ponto? Eu acredito que nós vamos chegar.

A última meta é trabalhar pelo desenvolvimento do país e pelo desenvolvimento de todos os países. Quando eu levantei a questão da luta contra a fome, no dia 10 de dezembro de 2003, eu tinha ganho as eleições, não tinha tomado posse, e fui aos Estados Unidos para uma reunião com o presidente Bush. O presidente Bush estava angustiado com a necessidade da guerra que ele tinha que fazer com o Iraque e tentava me explicar, a todo modo, essa necessidade. E eu disse ao presidente Bush: “Eu lamento não poder concordar com Vossa Excelência porque a minha guerra, no Brasil, é contra a fome e não contra o Iraque ou qualquer outro país”.

Agora, conseguimos fazer um feito inédito na história das Nações Unidas: reunimos 60 presidentes, de 60 países; reunimos, ao todo, entre ministros e autoridades, 130 países; mais o representante do Vaticano; mais o representante internacional do Movimento Sindical; mais o representante das ONGs, mais o representante de todos os organismos internacionais, e colocamos na ordem do dia o combate à miséria e à fome, no debate das Nações Unidas.

Eu sei que não é uma tarefa fácil porque, se fosse fácil alguém já teria feito. É muito difícil. Mas nós assumimos a responsabilidade de que é possível a gente combater, de que é apenas uma questão de a gente amadurecer, convencer e motivar a sociedade, criar um clima de solidariedade como esse que estamos vendo aqui, e a gente vai perceber que é muito mais fácil acabar com a fome do que se escreveu neste país.



Este ano, nós chegaremos em dezembro com 6 milhões e meio de famílias recebendo o Bolsa Família. No final de dezembro do ano que vem chegaremos a 8 milhões e 700 mil famílias recebendo o Bolsa Família. E se forem verdadeiros os números do IBGE, de que no Brasil tem 11 milhões de famílias que vivem abaixo da linha de pobreza, estejam certos de que nós chegaremos em 2006 com 11 milhões de famílias recebendo o Bolsa Família.

Além do quê, este ano nós aprovamos o Estatuto do Idoso, porque só pessoas da terceira idade conseguem dar um salário mínimo de 270 reais para 2 milhões e 800 mil pessoas da terceira idade. Nós estamos construindo um padrão de Brasil que possa garantir aos seus filhos a necessidade.

Ontem, o ministro Tarso Genro me telefonou dizendo que no próximo ano, por conta do acordo que fizemos com universidades privadas, mais de 79 mil novos jovens vão poder estudar nas escolas privadas, quase 50 mil com bolsas de 100% e os outros 40 mil recebendo uma bolsa de 50%. É pouco, porque nós precisamos de muito mais jovens nas nossas escolas.

Essa preocupação é prioridade, estamos construindo uma política para atender a um clamor da juventude brasileira, que é o de aprender uma profissão e poder trabalhar. Porque, se o Estado não oferecer uma oportunidade aos adolescentes deste país, estejamos certos de que o crime organizado e o narcotráfico oferecerão as oportunidades que o Estado não teve competência para oferecer, no Brasil inteiro, durante muitos e muitos anos. Estamos vivendo com uma herança que é quase secular e precisamos, em pouco tempo, fazer com que o povo brasileiro conquiste a sua cidadania e possa viver condignamente.

E eu quero terminar dizendo, meu querido Nilo, que não poderia ter coisa melhor do que um Presidente da República saber que uma escola de samba e o carnaval não podem ser tratados de forma pejorativa, como quando a gente encontra às vezes, pelo mundo afora, alguém dizendo: “O Brasil é um país que só tem carnaval, que só sabe jogar bola e que só tem crianças de





rua”. É verdade, nós temos carnaval, temos futebol, temos criança de rua. Mas este país conquistou o direito de andar de cabeça erguida no mundo e competir, do ponto de vista da tecnologia, com qualquer país do mundo.

Quando uma escola de samba, que é o retrato fiel da imagem mais pura do povo brasileiro – normalmente saída dos bairros mais pobres dos estados brasileiros – adota para si a responsabilidade de colocar um tema da magnitude política que é esse, das Metas do Milênio, como samba-enredo, eu sou obrigado a olhar para vocês e dizer: eu acho que ninguém segura este país. Ninguém segura um país em que, enquanto no mundo inteiro e em muitos lugares do Brasil os nossos velhos são tratados como se fossem cidadãos de terceira categoria, a Portela abre espaço para os jovens de caras enrugadas, para os portelenses da Velha Guarda continuarem sendo artistas mostrando a capacidade que têm, porque a arte não tem idade, não tem cor, não tem religião, está dentro de cada um.

Eu quero dizer que são gestos como este, Nilo, que me deixam cada vez mais otimista. Por isso é que nós discutimos muito aquela propaganda que está na televisão, que diz: “Eu sou brasileiro e não desisto nunca”. Muitas vezes, nós somos tratados como se fôssemos um país colonizado, em que aprendemos a gostar de tudo o que se produz lá fora e não valorizamos o que nós somos capazes de produzir aqui dentro. E não há país nenhum do mundo capaz de sair da via de país em desenvolvimento para país desenvolvido se não tiver auto-estima na flor da pele, no coração, na cabeça e na alma de cada brasileiro ou brasileira.

Minha querida Valéria, você não seria a bailarina que você é se você não tivesse auto-estima. A Marisa Monte não seria a artista que é se não tivesse auto-estima. O Zeca Pagodinho não seria o gênio que é se não tivesse auto-estima e não acreditasse nele mesmo e a Portela não seria o que é se os portelenses não tivessem amor e auto-estima.

Muito obrigado, companheiros.



**Presidência da República**  
**Secretaria de Imprensa e Divulgação**  
**Discurso do Presidente da República**

---